



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

LUCCA OLIVEIRA FAGUNDES

**A INFLUÊNCIA PROTESTANTE NA POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA
DO SÉCULO XX: UM ESTUDO A PARTIR DOS DISCURSOS DOS PRESIDENTES
NORTE-AMERICANOS DO SÉCULO XX**

Florianópolis

2019

LUCCA OLIVEIRA FAGUNDES

**A INFLUÊNCIA PROTESTANTE NA POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA
DO SÉCULO XX: UM ESTUDO A PARTIR DOS DISCURSOS DOS PRESIDENTES
NORTE-AMERICANOS DO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Relações Internacionais da
Universidade do Sul de Santa Catarina como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Ricardo Neumann, Dr.

Florianópolis

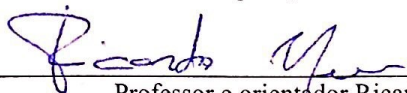
2019

LUCCA OLIVEIRA FAGUNDES

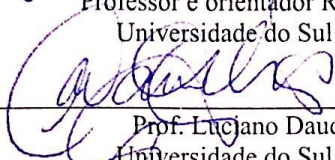
**A INFLUÊNCIA PROTESTANTE NA POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA
DO SÉCULO XX: UM ESTUDO A PARTIR DOS DISCURSOS DOS PRESIDENTES
NORTE-AMERICANOS DO SÉCULO XX**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e aprovado em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina.

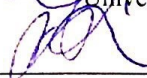
Florianópolis, 03 de dezembro de 2019



Professor e orientador Ricardo Neumann, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Prof. Luciano Daudt da Rocha, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Prof. Carolina Rubin, Dra.
Universidade do Sul de Santa Catarina

A Deus, que foi meu fôlego para os momentos que cansei e desacreditei. Sua força me deu coragem para continuar e alcançar minhas metas.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram o meu crescimento e aprendizado.

Ao meu orientador Professor Dr. Ricardo Neumann, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, avós e familiares, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A minha namorada, pela paciência e resistência de horas e horas ao meu lado, enquanto eu redigia o trabalho.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Todas as vitórias ocultam uma abdicação.” (SIMONE DE BEAUVOIR, 1958).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar que valores religiosos que estavam presentes na formação dos Estados Unidos da América (EUA) podem ser observados até a atualidade, demonstrando isso através da exposição de algumas crenças provenientes de vertentes puritanas de religiões protestantes, ambientadas no cenário contemporâneo com ações que marcaram a história do país e discursos de inauguração dos presidentes estadunidenses até a metade do século XX. Será demonstrada brevemente a revolução religiosa da Europa que gerou as religiões reformadas, passando pela fundação dos Estados Unidos da América, para que ao final sejam apresentados alguns discursos dos presidentes estadunidenses do século XX e que se possa apresentar se ainda há relação entre as virtudes do calvinismo puritano e os pensamentos dos presidentes em questão.

Palavras-chave: Puritanismo 1. Estados Unidos 2. Discursos 3.

ABSTRACT

The aim of this research is to present that religious principles present in the formation of the United States of America (USA) can be observed until today, demonstrating this through the exposure of some beliefs coming from puritan strands of Protestant religions, set in the contemporary scenario with actions that marked the country's history and inaugural Addresses of US presidents through the middle of the twentieth century. It will be briefly demonstrated the religious revolution in Europe that spawned the Reformed religions, including the founding of the United States of America, so that at the end some addresses of the 20th century American presidents are demonstrated and it can be presented if there is still a relationship between the virtues of Puritan Calvinism and the thoughts of the presidents in question.

Keywords: Puritanism 1. United States 2. Discourse 3.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	METODOLOGIA	10
2	RELIGIÕES REFORMADAS.....	11
2.1	A REFORMA RELIGIOSA.....	11
2.2	O PROTESTANTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS	17
3	O NOVO MUNDO	20
3.1	OS PROTESTANTES NO NOVO MUNDO	20
3.2	FORMACAO DE UMA NAÇÃO?.....	22
4	OS DISCURSOS DOS PRESIDENTES ESTADUNIDENSES DE 1905 ATÉ 1945 ..	27
5	CONCLUSÃO	35
	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

As religiões, desde o início das sociedades, determinaram e continuam determinando como as pessoas devem viver, pensar e agir, relacionar-se com o próximo, trabalhar e até mesmo onde empregar o resultado de seu trabalho. E esta forma de ditar regras para as sociedades em geral, se arraigaram até mesmo nos modos de ocupação, produção e acumulação de riquezas e bens. Até aqueles que não possuem uma religião ou que não tem uma definida, estão influenciados de alguma forma, pelas bases morais e éticas que derivam da religião. Obviamente, as crenças¹ e a valores² não são os únicos fatores que determinam as ações das sociedades. Assim como apresentado por Furtado (2011) os desejos dos indivíduos também contam muito para o desenvolvimento de suas ações. Além disso, há de ser recordado que existem mudanças de pensamentos e de ações dos indivíduos, o que faz com que não ajam da mesma maneira eternamente. Contudo, para este trabalho, será utilizada a “fé”³ como fio condutor para as demonstrações propostas, uma vez que a religião sempre foi muito atuante, e continua sendo, nas decisões dos sujeitos.

Ao longo da história, o poder da Igreja Católica se expandiu pelo mundo e alcançou lugares longínquos, tornando-a a religião com o maior número de adeptos no planeta (The World Factbook, CIA, 2018).

Mesmo a maioria aceitando as determinações da Igreja Católica, alguns indivíduos não estavam contentes com suas ações e ideias. Assim, surgiu a Reforma Protestante e uma nova forma de pensar sobre todas as áreas existentes, como a religião, o poder e também o capital.

O objetivo desta pesquisa é apresentar que princípios religiosos presentes na formação dos Estados Unidos da América (EUA) podem ser observados até a atualidade, demonstrando isto através da exposição de algumas crenças provenientes de vertentes puritanas de religiões protestantes, ambientadas no cenário contemporâneo com ações que marcaram a história do país e alguns discursos de inauguração dos presidentes estadunidenses até metade do século XX.

¹ Para Furtado (2011) o entendimento de crença está ligado as ações dos indivíduos. Para Furtado (2011), a crença é algo próximo de uma norma, que comanda as ações e hábitos de um sujeito.

² Os valores são construídos historicamente, sendo resultados da vida em sociedade dos indivíduos e atuam sobre quaisquer que seja a área. Os valores carregam uma efetividade que faz com que estes indivíduos os aplique em sua vida geral, principalmente de forma subjetiva. (BRITES, 2013, p. 54)

³ “Fé” compreende-se como um conjunto de crenças, porém crenças provenientes da religião (FURTADO, 2011, p. 14)

Apresentaremos algumas correntes internas de religiões reformadas. Posteriormente, demonstraremos a ligação existente até hoje entre o protestantismo e o pensamento dos presidentes estadunidenses até metade do século XX.

Será utilizado o método indutivo, feito através de pesquisa histórica, documental e bibliográfica.

1.1 METODOLOGIA

Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos (GIL, 1991).

Quanto à maneira como esta pesquisa se desenvolverá cabe salientar que ela se caracteriza por básica.

Em relação à abordagem, se caracteriza por uma pesquisa qualitativa, uma vez que será utilizada uma diversidade de bibliografias e diferentes autores relacionados ao presente tema, na tentativa de apresentar uma relação entre as teorias escolhidas e o cenário real.

Devido a essa tentativa de apresentar a relação entre diferentes fontes e fatores, mas principalmente tentar expor maior familiaridade ao tema, a pesquisa se caracterizará como exploratória. O trabalho será produzido a partir de pesquisa bibliográfica e as fontes serão de carácter secundárias, uma vez que as fontes se darão principalmente por meio de livros, artigos e outros documentos já elaborados acerca do tema escolhido, visto que o trabalho se propõe a análise de uma teoria do século XX aplicada a momentos históricos (GIL, 2008 p. 51).

2 RELIGIÕES REFORMADAS

Os Estados Unidos da América é um país com fortes raízes religiosas desde seu período colonial. Raízes estas que serão de grande importância para fundamentar as questões trazidas neste trabalho.

Para que seja possível demonstrar essa ligação religiosa, precisaremos mostrar quais eram algumas das crenças dominantes nas bases dos discursos calvinistas puritanos nos tempos de fundação dos Estados Unidos da América. Entretanto, para permitir que conseguiremos chegar a este ponto, temos que antes falar sobre um marco religioso muito importante para o país, pois foi o momento onde iniciou-se o surgimento das ideias que seriam apresentadas ao longo de toda a história dos Estados Unidos, e que nos permitirão demonstrar as características singulares desta nação. Estas novas ideias afetariam posteriormente em ações que também seriam de grande importância para esta nação. Este momento é a Reforma Religiosa.

Neste capítulo discorreremos sobre o início da Reforma, demonstrando o surgimento das religiões reformadas e apresentando os princípios de algumas das correntes mais importantes para este trabalho, o anglicanismo e o calvinismo puritano. Para isso, será colocado em debate as diferenças de algumas crenças destas correntes, já que estas diferenças criaram um conflito que desencadeou em uma importante ação para os Estados Unidos que viriam a surgir.

2.1 A REFORMA RELIGIOSA

Durante grande parte da história a religião ditou a forma de vida das pessoas, pensamentos e ações, o modo de relacionar-se com o próximo, na maneira de observar a vida e as questões que nela existem. Mesmo os que não possuem religião, acabam sendo inseridos numa sociedade cujas bases morais e éticas originam de alguma religião, influenciando também suas próprias decisões. Uma vez que aprendem de fundamentos semelhantes ou até iguais, há grandes chances de que algumas ideias orientarão os demais pensamentos decorrentes dos indivíduos e até mesmo das sociedades (SOUZA, 2007).

Por eras a Igreja Católica manteve o poder quase absoluto na maior parte da Europa (BLAINEY, 2011, pag. 149). Esta última, que por séculos foi o centro do mundo, ajudou a disseminar a religião Católica por todo o planeta, fazendo com que até hoje seja a religião

com maior número de adeptos (The World Factbook, CIA, 2018). Durante o período que vai do final do Império Romano até a idade Moderna, a Igreja Católica detinha tanto controle e tanta importância quanto os próprios monarcas do mesmo momento. No mundo contemporâneo, não há instituição que se compare a situação da Igreja naquele período (BLAINEY, 2011, pag. 149). Ousa-se dizer que a Igreja Católica foi a Instituição mais poderosa e abrangente que já existiu no mundo.

Presentes em diversas áreas podem ser citadas as importantes atuações da Igreja na parte de ajuda para a sociedade, provendo albergues, orfanatos, hospitais, leprosários, hospedarias e em tempos de carência, atuando como maior fornecedor de produtos fundamentais como pão e sal (BLAINEY, 2011, pag. 149).

Ademais, também era detentora do conhecimento e das artes, controlando direta ou indiretamente a maioria das universidades europeias, sendo dona de quase todas as grandes bibliotecas, onde guardavam livros produzidos em seus monastérios, e também sendo o principal educador dos jovens, apesar de que grande parte das crianças não frequentasse a escola (BLAINEY, 2011, pag. 149). Percebe-se que a atuação da Igreja se dava de modo muito interessante, uma vez que lidava com diversas áreas, até algumas muito importantes econômica e politicamente durante grande parte da história.

Para agir em tantas frentes era necessária uma ampla contribuição. Era pago pelos donos de terra, a décima parte da produção do solo. Além destas taxas, a Igreja Católica também dispunha de plantações e diversos imóveis, até mesmo prédios luxuosos, visto que era a maior proprietária da Europa. Quase todas as atividades econômicas eram orientadas ou reguladas pela Igreja. Além disso, as pessoas respondiam diante de Deus por todas as transações realizadas (BLAINEY, 2011, pag. 149). Mesmo atuando e regulando praticamente toda a vida econômica, sendo um ator de extrema força e representatividade econômica, a Igreja continuava considerando a usura – cobrança de juros sobre o dinheiro emprestado – como pecado (WEBER, 2016).

Mesmo o lucro não sendo considerado pecado, assim como é apresentado por Tomás de Aquino acerca da ambição de ganho, que o lucro é lícito eticamente e, com isso, autorizado, contudo, a usura e qualquer atividade dirigida para o lucro como um fim em si, eram considerados pecado (WEBER, 2016). Para a Igreja Católica havia uma grande diferença entre as pessoas conseguirem algum lucro por meio de um ofício ou procurarem o lucro como objetivo único em qualquer atividade econômica. Já dizia Jesus que a riqueza não ajudava na bem-aventurança da alma. Como os mandamentos da Igreja eram as regras

seguidas pelo povo, o conceito de ganhar dinheiro como um fim em si mesmo, como dever e “vocação”, repugnou a maioria da população durante longo período (WEBER, 2016).

Apesar de a maioria aceitar os preceitos da Igreja Católica, havia indivíduos que não estavam contentes não apenas com as ideias da Igreja, mas também com suas ações. Um desses indivíduos era Martinho Lutero (1483-1546).

Nascido na cidade de Elsieben, na Alemanha, filho de um empreiteiro que atingiu certo sucesso econômico, Lutero frequentou a faculdade de Direito, porém após veio a ingressar na Ordem dos Agostinianos e posteriormente tornou-se professor da Universidade de Wittemberg. Em 1510, após 02 anos como professor, viajou a Roma, de onde retornou extremamente decepcionado com o cenário de corrupção e apego material apresentado pelo alto clero, problema este que colaborou para a criação de novas ideias teológicas nos anos seguintes. Vale mencionar que Lutero teve apoio da nobreza para seus estudos questionadores (SOUZA, 2007).

Em 1517, o papa Leão X, regente na época, autorizou a concessão de indulgências aos fiéis que contribuíssem financeiramente para a reconstrução da basílica de São Pedro, desencadeando o rompimento entre Lutero e a Igreja Católica. Abismado com este ato, afixou um manifesto contendo 95 teses a porta da igreja de Wittemberg, protestando contra a atitude do Papa e também apresentando alguns elementos de sua doutrina religiosa, assim iniciando uma reforma religiosa (SOUZA, 2007).

Devido ao descontentamento já existente de diversos monarcas acerca do poder da Igreja, Lutero teve grande apoio por parte da nobreza de diferentes países. Quando iniciada a revolta, muitos reis tomaram ações colaborando para o fortalecimento da reforma, por exemplo o confisco de propriedades da Igreja Católica na Suécia (CANTU, 1954).

Na Alemanha, a reforma impactou tanto político quanto culturalmente. Credo que o contato entre o indivíduo e Deus poderia ser feito diretamente, Lutero traduziu a bíblia para o alemão e a distribuiu à população, dessa maneira, criou-se um desejo no povo, antes analfabeto, em ser alfabetizado para poder compreender as escrituras sagradas. Do mesmo modo sobre o contato direto com Deus, o protestantismo trouxe a ideia que qualquer pessoa poderia ler e interpretar a bíblia, retirando o antigo poder único do clero (SOUZA, 2007).

Além de Lutero, a nova corrente também foi difundida por João Calvino (1509-1564), na França. Este, tendo visões que podem ser consideradas mais ‘radicais’, defendia que o homem nasce predestinado à salvação ou à condenação. Uma vez que já havia uma predestinação divina, para ele, a vida dos homens tratava-se de uma busca eterna por sinais desta vocação. Calvino estimulava a busca do conforto por meio do trabalho e da vida

regrada. Todos que fossem bons cristãos trabalhassem muito e seguissem os preceitos bíblicos seriam predestinados a ir para o reino dos céus. Devido tamanho valor que era dado ao trabalho, os calvinistas afirmavam que um dos sinais desta predestinação à salvação seria a prosperidade econômica e a riqueza pessoal (SOUZA, 2007).

Convergindo com os movimentos que estavam acontecendo principalmente na Alemanha e França, que estavam introduzindo a Europa ao protestantismo, surge também uma mobilização na Inglaterra (SOARES, 2010, pag. 42).

De acordo com SOARES (2010, p. 41 e 42, apud DOWLEY, 2009 p.73), com o desejo de casar-se com Ana Bolena, Henrique VIII (1491-1547) enviou uma carta solicitando ao papa Clemente VII a anulação de seu casamento com Catarina de Aragão, pedido este que foi recusado. Enraivecido com a negação do papa e influenciado por seu chanceler Thomas Cromwell, Henrique VIII decide confiscar os mosteiros e as terras da Igreja, do mesmo modo que havia sido feito na Suécia e outros países, fazendo com que assim surja a religião anglicana na Inglaterra.

Ao longo do século XVI, a vida religiosa inglesa é notavelmente caótica e este momento conturbado faz-nos questionar se isto foi um fator determinante para o crescimento da perseguição iniciada aos fiéis de religiões protestantes, principalmente aos seguidores de determinadas confissões protestantes como os puritanos (SOARES, 2010, p. 42). O processo de passar por reinados de monarcas com posições opostas – Eduardo VI (1547-1553), sendo o primeiro rei inglês criado como protestante e apresentando tendências calvinistas; e Maria I (1553-1558), agindo de maneira agressiva reprimindo os protestantes, tentando instalar novamente o catolicismo – até chegar a Elizabeth I (1558-1603), que estabelece o anglicanismo como religião oficial, configuraria a vida religiosa do país em uma extrema fragmentação, fazendo com que existam diversas seitas protestantes e grupos de resistência católica, além da Igreja anglicana oficial (SOARES, 2010, p. 42). Durante o mesmo período de regência de Elizabeth I, os bispos anglicanos expulsaram da Igreja os recém-surgidos puritanos (SOARES, 2010, p. 42).

De acordo com SOARES (2010, p. 42, apud DOWLEY, 2009 p.117), o puritanismo nasce durante o reinado de Elizabeth I, enquanto certos grupos calvinistas ingleses tinham como objetivo ‘purificar’ a Igreja Anglicana dos resquícios do catolicismo. Essa purificação desejada era extrema, já que aos olhos dos puritanos o catolicismo era visto como impuro, principalmente por não seguir fielmente as Escrituras em todas as situações da vida. Dessa forma, este grupo ficaria marcado como sendo uma das vertentes mais radicais das religiões

reformadas. Além disso, assim como o catolicismo, qualquer outra religião que não seguisse fielmente as Escrituras, também seria considerada como impura.

Posteriormente, no reinado de James I (1603-1625), com o objetivo de fortalecer a religião anglicana, utilizando-a como meio para reforçar o próprio absolutismo, é iniciada uma violenta repreensão tanto a católicos quanto a calvinistas (SOARES, 2010, p 43). Não diferente de outras épocas, neste período as religiões também foram muito utilizadas para expressar os interesses políticos, fosse a favor ou contra o absolutismo (SOARES, 2010, p.43). Compunham-se, de maneira geral, os católicos e anglicanos a favor do absolutismo, e os calvinistas (puritanos e presbiterianos) a favor de uma monarquia parlamentarista. Ainda que os católicos não estivessem de acordo que a monarquia tivesse a centralização do poder, preferiam ainda o absolutismo, por medo de perder os privilégios feudais, visto que em grande parte os fieis católicos eram oriundos da riqueza feudal. Além disso, mesmo que com exceções, esta divisão religiosa de certa forma também demonstrava a divisão de classes no país (SOARES, 2010, p. 43).

Seguindo o período conturbado do país, conturbado religiosa e socialmente, anos mais tarde, durante o reinado de Carlos I (1625-1649) é desencadeada uma guerra civil, com as configurações dos grupos antes informados. Este embate traz como resultado a execução do rei anglicano e o estabelecimento de uma ditadura instaurada por Oliver Cromwell, período este denominado como República Puritana (SOARES, 2010, p. 43). Este período dura apenas até 1659, já que Cromwell falece no ano anterior, oportunidade que foi aproveitada pelo anglicanismo para retomar o posto de religião oficial da Inglaterra (SOARES, 2010, p. 43).

Após tantas oscilações religiosas no trono inglês em um espaço tão curto de tempo, ocorre um pequeno período de certa calma, originário da Revolução Gloriosa (1685-1689). Denominada desta maneira por conta de seu caráter pacífico e por em sua maior parte não haver violência, resultou na deposição de Jaime II em 1688, o último da dinastia Stuart, e católico, e trouxe para o trono da Inglaterra, Escócia e País de Gales, Guilherme de Orange, príncipe holandês casado com Maria II, filha de Jaime II, oferecendo uma nova era aos países, tanto política quanto religiosamente, uma vez que o novo monarca e sua esposa eram protestantes, e o absolutismo foi abolido e instaurado o parlamentarismo (SOARES, 2010, p. 44).

Durante o mesmo momento, o país também passava por outras alterações em sua estrutura. O aumento cada vez maior da propriedade privada, o crescimento do capitalismo e sua ação no campo, assim como o fim das terras comuns, criava um sistema que forçava os camponeses a saírem do campo em busca de melhores condições na cidade, porém sem

sucesso (SOARES, 2010, p. 44). A vida inglesa, que já não era tranquila, como pode ser visto anteriormente, agora estava tornando-se ainda mais complicada. Unindo fatores como a elevação dos preços - devido a inflação dos produtos de primeira necessidade por conta da grande quantidade de metais preciosos trazidos das colônias -, ao êxodo rural crescente, gerando um aumento da pobreza nas cidades, cria-se um cenário muito dificultoso para a vida inglesa (SOARES, 2010, p. 44). Complicando ainda mais a vida dos cidadãos da Inglaterra, esse ambiente, não em sua totalidade, mas em parte deplorável, de certa forma acaba contribuindo para espalhar a fome e a peste que assolou a população da Europa e também do país (SOARES, 2010, p. 44).

Anexando um longo período de conflitos político-religiosos a uma seguinte conjuntura caótica e degradada, que se pode dizer que é quase desprovida de graça, se oferece assim um ambiente completamente agressivo à parcela mais pobre da sociedade (SOARES, 2010, p. 43). Faz-se necessário esclarecer que apesar do que foi apresentado anteriormente embasado por Soares (2010), afirmando que na Inglaterra muitos dos praticantes calvinistas representavam a parcela menos favorecida da sociedade, outros autores como Max Weber (2016) apontam que em outras regiões da Europa, como na Alemanha e nos Países Baixos, grupos protestantes eram reconhecidos por terem bons patrimônios, não apenas materiais, mas também intelectuais. No entanto, na Inglaterra, principalmente a fatia calvinista não abastada sofreu com o período descrito. Além da situação precária e conflituosa de maneira geral, onde se mantém uma calamidade que parece jamais padecer, perseguições religiosas e políticas também aconteceram durante muito tempo, especialmente com os puritanos, mantendo neste país uma área muito hostil a esta parte protestante da população.

Fugindo destas perseguições religiosas, procurando um local mais seguro, com melhores condições gerais e que pudessem cultivar sua fé, esse grupo de puritanos parte para a Holanda, crendo que lá gozariam de melhores condições e de liberdade para praticar suas crenças (SOARES, 2010, p. 42). No entanto, acabam sofrendo novamente com retaliações, sendo proibidos de participar das associações de trabalho da época e ainda permanecem sem respaldo algum das autoridades locais por conta da nacionalidade (SOARES, 2010, p. 42). Ainda tentativa de encontrar um lugar onde pudessem praticar livremente sua fé e também desfrutassem de condições melhores de desenvolvimento e trabalho, o grupo puritano partiu em 1620, a bordo do famoso Mayflower, em direção ao Novo Mundo (SOARES, 2010, p. 43).

2.2 O PROTESTANTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Antes de adentrar na parte da chegada a novas terras, é necessário esclarecer algumas diferenças primordiais existentes nos pensamentos de certas vertentes das religiões protestantes. Ademais, também é necessário apresentar de maneira clara quais são as vertentes mais importantes para este trabalho, já que são as ramificações que serão demonstradas e terão total enfoque ao seu decorrer, sendo estas: o anglicanismo e o calvinismo puritano.

Não apenas as características de cada um desses ramos reformados são de suma importância, mas também é de extremo valor as divergências existentes entre eles. Os princípios que cada ramo vislumbra sobre a vida de maneira geral é muito importante, mas os embates ocorridos têm tanta relevância quanto os próprios princípios. As discordâncias entre os grupos são ótimos demonstrativos dos caminhos e razões que fizeram um grupo específico tomar determinadas decisões. Essas divergências de pensamento que serão aqui demonstradas nortearam o caminho percorrido desse povo até sua chegada em um novo e importante território, e contribuirá para a melhor compreensão durante o desenvolvimento da pesquisa.

Um fator primordial que será lembrado durante todo o decorrer do trabalho é que segundo os protestantes, todos os homens nascem com propósitos já traçados por Deus. Mais que isso, acreditam que há uma escolha divina dos grupos que atingirão a graça eterna e os que serão condenados eternamente. O grupo que foi escolhido para a graça divina receberá sinais de sua predestinação ao decorrer de sua vida. Seguindo a ideia de predestinação e a concepção de que as Escrituras são as detentoras de toda a verdade – que será abordado mais abaixo -, devendo ser aplicadas em todas as áreas da vida, os puritanos creem que precisam analisar o Velho Testamento e tentar prever os desígnios de Deus através de sinais enviados por ele (RESENDE, 2009, p. 183). Um destes sinais seria o acúmulo de riquezas.

Para que seja de fácil compreensão geral, também é fundamental que façamos breves elucidações, enquanto percorremos as características das correntes protestantes, com algumas das ideias apresentadas por Max Weber em sua obra mais famosa “A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo”.

Um dos pontos primários que Weber (2004) apresenta é que mesmo com as perseguições e ambientes não favoráveis, certas correntes internas do protestantismo – que no decorrer de sua obra ele informa que são principalmente os calvinistas puritanos - demonstraram uma disposição específica ao racionalismo econômico. Além disso, ele compara isso com o catolicismo, que em momento algum do tempo apresentou a mesma inclinação. Weber (2004) ainda vai além e diz que o motivo dessa conduta deve ser procurado

na peculiaridade de cada confissão religiosa, ficando assim entendido que o protestantismo, mais especificamente a corrente interna do calvinismo puritano, é favorável ao crescimento econômico. Weber (2004) ainda afirma que é nítida a maior participação de protestantes como proprietários de capital ou em postos de trabalho mais elevados, mesmo que suas porcentagens sejam menores em relação a população total do local onde estejam. Isso seria ocasionado em parte por certa abastança, e em parte por maior grau de educação. Em oposição com as características supracitadas, vale recordar os dizeres de Soares (2010) apresentando que os calvinistas ingleses faziam parte de uma parcela menos favorecida da sociedade. Dessa forma, podemos perceber que mesmo a conduta protestante favorecendo o desenvolvimento econômico, também era encontrada porções de fiéis em situações de menores posses. Max Weber também informa que os fiéis católicos são dotados de menor impulso aquisitivo, escolhendo a uma vida mais segura, mesmo que esta os traga rendimentos menores. Já os protestantes normalmente foram os portadores do desenvolvimento industrial e capitalista em seus países (WEBER, 2004, p.34 e 35).

Estes religiosos mais radicais, que no período de Elizabeth I seriam denominados como calvinistas puritanos, acreditavam que a única forma de purificar a Igreja Anglicana era o rompimento completo, para assim refunda-la em novas terras (RESENDE, 2009, p. 184). O grupo foi denominado dessa maneira pelo alto desejo em ‘purificar’ as religiões cristãs, principalmente o anglicanismo, e mantê-las mais próximas possíveis dos caminhos ensinados pelas Escrituras, as mantendo puras. Com isso, o grupo tornou-se conhecido como uma das vertentes mais extremas das religiões reformadas.

A devoção que permeava e regulava todos os âmbitos da vida foi motivo de grande conflito entre anglicanos e calvinistas puritanos entre o final do século XVI e início do século XVII (WEBER, 2004, p. 36). Para os anglicanos a Bíblia se tratava de algo importante, mas que não poderia ser considerado como absoluta, deveria haver alguma ponderação humana sobre os dizeres contidos nela (RESENDE, 2009, p. 182). Entretanto, o olhar dos puritanos acerca do mesmo assunto era completamente oposto. A crença dos calvinistas puritanos era que nas Escrituras do Velho Testamento havia as palavras e ensinamentos divinos aplicáveis a todas as esferas da vida dos homens – desde ética até táticas de batalha -, e uma vez criados por Deus, deveriam ser seguidos sem questionamento algum (RESENDE, 2009, p. 182). Para os puritanos os dizeres contidos na Bíblia deveriam ser aplicados por completo, uma vez que essa era a única fonte da verdade, e somente através dela seria também possível à promoção da verdadeira igreja (RESENDE, 2009, p. 182). A satisfação dos anglicanos em geral com o

tamanho da reforma ocorrida na Inglaterra somada ao temor da perda de benefícios instituídos gerou mais um forte conflito religioso com os puritanos (RESENDE, 2009, p.182).

Apesar de muitos pontos discordantes, Resende (2009) traz que anglicanos e puritanos apresentavam uma característica em comum. Trata-se de um ponto muito interessante e que pode ser observado até os dias atuais, ou melhor dizendo, é observado um fortalecimento desta particularidade no mundo. Ambos os grupos detestavam a Espanha e toleravam a França, podendo perceber o patriotismo extremo nas duas confissões religiosas. Patriotismo este que poderá posteriormente ser percebido como um forte nacionalismo na nação que seria criada na parte superior do Novo Mundo.

A aproximação de cada cidadão com Deus permitido pela Reforma Protestante encerrou o monopólio que a Igreja Católica detinha da interpretação dos desígnios divinos. Essa ligação direta e individual, por um lado benéfica, também cria uma solidão e angústia ao fiel protestante, pois uma vez que já nasce predestinado, não sendo dono de seu destino, basta a ele aguardar pelos sinais de sua predestinação. Contudo, para as religiões reformadas, o ócio é um sinal da falta da graça de Deus. Dessa maneira, o indivíduo não poderia passar a vida inteira apenas aguardando os indícios da escolha divina, muito pelo contrário, deveria praticar intensamente uma atividade profissional, uma vez que o trabalho árduo, acúmulo de posses e o esquecimento das atividades mundanas eram então as indicações de Deus.

Com a maioria das características citadas anteriormente unidas a um só povo. Este povo estando diante de conflitos com outras partes da sociedade inglesa ao mesmo tempo em que procuravam um lugar que pudessem confessar sua fé de maneira livre. No mesmo período surgindo a oportunidade de partir para uma terra desconhecida do outro lado do Oceano. É dessa maneira, e principalmente com este povo, que é iniciada a ida para o Novo Mundo.

3 O NOVO MUNDO

Tendo um ambiente que pode ser chamado de hostil para praticarem suas crenças, grupos religiosos como os calvinistas puritanos partiram à colônia inglesa, determinados de suas predestinações divinas.

Chegados ao outro lado do Oceano, resolvem se instalar nestas terras baseados nas Escrituras que eram tidas como verdade suprema. Desse modo, teremos de mostrar o novo contexto que está sendo criado neste novo cenário.

Para isso, neste capítulo trataremos de apresentar brevemente como a história dos Estados Unidos da América se deu de sua fundação até um momento mais próximo da atualidade, demonstrando algumas ligações com as crenças puritanas.

3.1 OS PROTESTANTES NO NOVO MUNDO

No ano de 1620, a bordo do famoso Mayflower chega em New Plymouth (atual Massachusetts) uma expedição distinta de todas as outras. Sendo composta por um grupo de calvinistas puritanos, esta viagem acontecia com um caráter diferente. Os participantes desta extrema corrente protestante não estavam indo a estas novas terras obrigados, e muito menos tinham o objetivo de retornar para sua terra natal. Em virtude da ideia de predestinação, estes puritanos estavam convictos que eram o povo escolhido por Deus para fundarem uma nova sociedade baseada nas leis divinas (SOARES, 2010, p.45). Sabendo que a purificação desejada da Igreja Anglicana não seria possível, o único modo viável era fundar uma nova igreja em outras terras. Esta que seria a verdadeira igreja de Deus. Dessa maneira, identificando-se como sendo o “povo eleito” e inspirados na jornada dos hebreus na busca pela Terra Prometida, o grupo decide criar a Nova Canaã, que se trataria da verdadeira missão puritana na Terra (RESENDE, 2009, p. 184).

Cansados da Europa e convictos de que tanto o Velho Mundo quanto a Igreja Anglicana eram degenerados e corruptos, decidiram criar naquelas tão remotas terras não apenas um refúgio para si próprios e um lugar onde seus filhos conseguissem assegurar a salvação de suas almas, mas criar uma sociedade onde a única verdade era a existente nas Escrituras (RESENDE, 2009, p. 184).

Posteriormente, entre 1630-1640, sob as mesmas aspirações, cerca de quinze mil pessoas decidem seguir para a América do Norte, assim iniciando-se a “Grande Imigração”.

Conforme passagem apresentada na série documental “América – A Saga dos EUA” (2010), no pensamento destes puritanos que se deslocavam para o outro lado do Oceano:

[...] existia uma grande esperança e um grande zelo interior em criar os fundamentos da propagação e avanço do evangelho do reino de Cristo nessas tão remotas partes do mundo.

Dessa maneira, ao chegar ao território da Nova Inglaterra com total segurança de que ali estavam por conta do projeto da “Divina Providência”, os puritanos criam a comunidade que posteriormente viria a ser Boston com o anseio de continuarem o plano de Deus descrito nas Escrituras e darem origem à “cidade na colina” (RESENDE, 2009, p. 184).

Por se tratar de um número considerável de pessoas, ainda que houvessem indivíduos menos abonados, considerando que os princípios desta corrente protestante favorecessem maiores acúmulos de riquezas, e também por conta da travessia do Oceano exigir um investimento alto, grande parte destes imigrantes eram vindos de famílias com posses ou posições sociais mais altas (RESENDE, 2009, p. 184).

Deus escolhendo no momento do nascimento as almas que seriam condenadas e as que seriam salvas, sendo que este último grupo receberia sinais desta salvação, faria com que os puritanos mantivessem uma procura constante dos sinais da “graça divina” (RESENDE, 2009, p. 184). Neste cenário não existia apenas uma busca constante pelos sinais sagrados, mas também havia quase que um receio contínuo, pois a figura de Deus para os puritanos é de um ser onipotente, onipresente, e também impiedoso. Somado a não piedade de Deus, os homens já nascem pecadores, então isso deve ser revertido ao decorrer da vida para que seja possível o indivíduo sentir os sinais sobre si. Uma das maneiras para sentir tais sinais seriam o foco e o desempenho árduo de alguma atividade profissional.

Deve-se mencionar que apesar dos puritanos deslocados a estas terras estarem procurando por liberdade para confessarem seus votos, longe da Inglaterra eles não gozavam de uma liberdade excepcional. Para a visão puritana, a coletividade era percebida da mesma maneira do propósito existente de cada indivíduo, ou seja, assim como cada pessoa ali presente detinha um único sentido na vida, do mesmo modo seria entendido para àquela sociedade, tendo como sua única e exclusiva razão a fundação da verdadeira Igreja (RESENDE, 2009, p. 188). Desse modo, isso também contribui para que aqueles indivíduos tivessem uma ligação inviolável entre eles, pois sendo a vontade de Deus que cada um colaborasse na criação de sua verdadeira Igreja, não poderiam questionar qualquer que fosse a vontade divina. Reforçando também para essa questão, Resende (2009) lembra um ponto

muito importante que exemplifica com maestria a questão da liberdade neste novo território. Ele recorda que no período da América Colonial, principalmente nos governos de Massachusetts e Connecticut, eram encontrados traços muito fortes de ditaduras. Resende também continua em sua explicação que os puritanos jamais haviam tentado implantar algum outro modelo governamental, ou até mesmo fingir que se mantinha um governo de outra maneira. Porém, não podemos observar essa situação como se fosse aplicada por um tirano, pois ao pensamento dos puritanos essa seria a vontade divina. Sendo eles um agrupamento de pessoas escolhidas para um propósito maior, consentiram em aceitar livremente a vida sob determinado regime (RESENDE, 2009, p. 188). Relembremos também que para essa corrente extrema do protestantismo, a única verdade existente estava contida nas Escrituras e desse modo cabiam a eles apenas interpretar e projetá-las ao cenário em que viviam. Como nas Escrituras havia tudo que necessitavam, o mesmo aconteceria com a questão dos governos. Aos calvinistas puritanos, Deus havia criado as leis e normas que estavam presentes na Bíblia e dessa maneira apenas se fazia necessário segui-las. Porém, a crença destes devotos era de um máximo controle sobre a vida da comunidade em geral, e isso faria necessário um governo para poder fiscalizar e aplicar punições aos que não cumprissem as normas de maneira fiel. O pensamento dos puritanos era que:

Deus teria escrito as regras e as normas da sociedade, como as obrigações e os deveres dos indivíduos diretamente nas Escrituras. Caberia ao governo impor a obediência à Bíblia e punir as violações (RESENDE, 2009, p. 187).

Dessa maneira seria criada uma sociedade totalmente baseada na vontade de Deus.

3.2 FORMACAO DE UMA NAÇÃO?

Já no século XVIII, por volta de 1730, algumas décadas antes da Revolução Estadunidense, acontece o primeiro grande movimento religioso denominado de o Grande Avivamento (Great Awakening) (SOARES, 2010, p. 50), e que pode ser explicado de maneira simplista como uma conversão em massa de muitos fiéis em curto espaço de tempo. Esse movimento foi importante e colaborou na construção de uma unificação das treze colônias, fomentando um sentimento nacionalista que viria a auxiliar no processo da Revolução dos Estados Unidos (SOARES, 2010, p. 50). Nesse sentido, Soares (2010) aponta que o Grande Avivamento colaborou tanto com a criação do novo país que considera até que a Revolução

apresenta não apenas um caráter político, mas também religioso. Soares ainda informa que é possível verificar o Grande Avivamento como um movimento que precede a Revolução.

Na perspectiva de criação de uma nova identidade, deixando o sentimento de comunidade de lado e agora gerando uma ligação de nação entre os indivíduos, Resende (2009) mostra em sua pesquisa que os puritanos podem ser considerados como encarregados pela produção de obras que hoje são notadas como as primeiras expressões de uma autêntica cultura americana.

Desde o deslocamento para o Novo Mundo, os puritanos mantinham um sentimento avesso ao que era relacionado de maneira geral com a Europa. A ligação fosse religiosa ou política, com o Velho Continente era depreciada pelos calvinistas puritanos que se localizavam na América do Norte. Baseados nos pensamentos de que tanto as religiões – Católica ou Anglicana – quanto às políticas e princípios dos países europeus eram degenerados, mesquinhos, decadentes e principalmente cheios de impurezas, os puritanos ansiavam pelo rompimento completo com o Velho Mundo. Seu descontentamento era tão grande que nem se restringia apenas a Inglaterra, mas ao continente todo, visto que desaprovavam completamente a balança de poder que os países da Europa operavam no cenário internacional.

Uma vez mantida a relação conflituosa entre os puritanos que agora estavam no outro lado do Oceano com os ingleses, pois era uma situação existente desde o momento em que o grupo ainda estava na Europa, unida a uma falta de apoio britânico e alta taxação em diversos cenários da vida dos moradores da Colônia, pois a Coroa precisava suprir as despesas geradas, acabam gerando uma alta tensão entre a Inglaterra e as treze colônias. Dessa forma, foi entrelaçando-se cada vez mais as razões políticas, religiosas e econômicas que culminariam na Revolução (SOARES, 2010, p. 54).

Em 1774 reuniram-se delegados de todas as colônias, criando o Primeiro Congresso para decidirem em conjunto as ações que seriam tomadas para impedir a ação da Coroa no comércio interno das colônias, pois apesar do sentimento contra a Inglaterra ser presente em cada uma das colônias, não existia um pensamento comum de como deveria ser a relação com o Império. Então é criada neste momento a primeira medida mais radical que seria aplicada, tendo como objetivo a quebra completa do canal comercial com a Grã-Bretanha (SOARES, 2010, p. 55). Como efeito dessa atitude, em menos de um ano já seriam presenciadas as primeiras batalhas pela Independência. Com isso é criado um Segundo Congresso, onde agora seria feito o corte completo das relações com a Inglaterra. Após decorridos alguns anos de lutas, em 1781 a vitória das colônias é alcançada (SOARES, 2010, p. 55).

Sendo iniciada com muitos indivíduos fieis nas crenças puritanas, a nação que florescia na união das treze colônias, que a partir de agora será chamada de Estados Unidos da América, teria muito presente em seus princípios, valores muito próximos aos chegados nas primeiras expedições, o que explica as ações tomadas em muitos momentos da história. Conforme os dizeres de Weber sobre a facilitação do capitalismo e do acúmulo de riquezas provenientes dos pensamentos protestantes – especialmente os puritanos – esta nação seria beneficiada por ter uma fundação sólida nos princípios calvinistas. Mas não somente o capitalismo será facilitado, assim como outros princípios também serão utilizados fortemente para o novo país, como o nacionalismo e o olhar focado para o seu interior.

Para a concepção puritana, assim como não era possível a divisão do individual do coletivo, também era impossível a separação dos valores que eram impostos tanto para os cidadãos quanto para o novo Estado, ideia esta que foi aplicada com veemência na criação do novo país e que também poderá ser notada ainda por longo período. Para os puritanos, os mesmos valores presentes nas Escrituras que deveriam ser exercidos por cada indivíduo, também deveriam ser praticados pelo próprio Estado. Novamente, não havia distinção de valores, não havia mudanças nas regras apenas por se tratar da ação de um país. Uma vez sendo o país elaborado para ser a ‘cidade na colina, construído a partir de pessoas eleitas pelo próprio Deus, também fazia necessário que agisse do mesmo modo que o livro sagrado transmitia.

Na verdade, muito dos pensamentos calvinistas puritanos foram aplicados na política inicial dos Estados Unidos. Inclusive, não apenas durante o início da nova nação, mas como será apresentado mais a frente, também poderá ser encontrado até nas atitudes da política externa norte-americana do século XX. Porém, as aplicações das posturas calvinistas partem desde o momento pós Revolução Norte-americana, onde é atingida a Independência. Ou seja, desde o momento em que há o desmembramento das, na época, treze colônias com a Inglaterra, a política que é aplicada pelos Estados Unidos é boa parte originária da vertente radical protestante.

A mesma certeza de predestinação sentida pelos indivíduos que compunham a nação foi transferida ao Estado, trazendo características muito interessantes ao puritano e aos Estados Unidos, pois ao mesmo tempo em que o impedia de se desligar daquela comunidade, já que não se podia abdicar do desejo divino, também lhes dava poder suficiente para agir conforme achassem necessário para cumprir a palavra de Deus. Exemplificando de maneira melhor ao caso do Estado, uma vez que este provinha de uma ‘Divina Providência’, instruído a servir como o exemplo no reino dos homens, não poderia abdicar de tal fardo, assim como

também deveria exercer um posicionamento condizente com tal função. Nesse sentido, uma vez que estava predestinado a este caminho, se fazia necessário ampliar e fortalecer o ambiente nacional interno. Assim se inicia a fase de expansão dos Estados Unidos.

Da mesma forma como os indivíduos sabiam o motivo para que estavam indo para aquelas tão remotas terras quando partiram em direção ao outro lado do Oceano, com a obstinação de fundar a Nova Canaã, agora o país criado também estava determinado a demonstrar que detinha um lugar único no mundo. Para que isso fosse possível, seria primeiro necessário a anexação de territórios, visto que se fazia vital para a nação norte-americana as proporções continentais que seriam alcançadas ao longo do tempo.

Com o decorrer do século XIX são iniciadas ações diplomáticas, negociações e guerras para que os Estados Unidos pudessem realizar o processo de aquisições e conquistas de novos territórios como é descrito por Pecequilo (2003, p. 52- 53):

O processo de formação dos Estados Unidos moderno, no século XIX, envolve uma combinação de movimentos internos e externos que juntos conformam, já no início do século XX, sua ascensão como potência no sistema internacional. É, portanto, nesse período que são construídas e aprofundadas as “raízes do poder norte-americano” (Hormats, 1991), com o país assumindo proporções continentais, estendendo seu domínio do Atlântico ao Pacífico, fortalecendo sua economia e política doméstica e projetando seus objetivos comerciais e políticos no mundo, ainda que em uma escala limitada. É também nessa época que os Estados Unidos se envolvem em uma segunda guerra de independência com a Grã-Bretanha (1812) e promulgam a Doutrina Monroe (1823).

Para Pecequilo (2003), o Destino Manifesto de modo geral é disposto como um direito divino para a expansão territorial norte-americana. Desenvolvendo-se a partir da metade do século XIX até 1865, momento que finaliza a Guerra da Secessão. Assim como os puritanos eram detentores de um sentido de propósito, agora o país também exalava um sentimento de dever em espalhar suas visões e princípios ao mundo, agora concentrados nos princípios de democracia e república (PECEQUILO, 2003, p. 54).

Assim como apresentado por Weber (2004) acerca dos sinais da predestinação, a expansão territorial não era vista aos olhos dos estadunidenses como um simples aumento de poder, mas sim como uma confirmação de sua posição de ‘escolhido’, pois o crescimento territorial era visto da mesma maneira que a prosperidade dos indivíduos, confirmando a graça divina. Pelo fato de ser o povo eleito por Deus, convictos de estarem no mundo com uma missão, a prosperidade e expansão territorial lhes era uma dádiva. Dessa maneira, toda ação expansiva dos Estados Unidos estaria justificada como um meio para atingir o objetivo necessário, o objetivo de servir como exemplo para humanidade redimir suas impurezas e pecados.

Além do fato de terem a obstinação de sua predisposição a graça divina, procurando sempre trabalhar na missão que Deus os impôs, os valores puritanos do povo e do Estado norte-americano tornavam ambos quase incansáveis, pois conforme apresentado por Resende (2009), os que acreditam em um poder supremo onipotente se tornam os melhores soldados, uma vez que cada instante de suas existências carregam um enorme significado.

Dessa maneira, é um país onde há um sentimento de missão maior que lhe foi incumbida pelo próprio Deus, onde dentro deste há um povo que também crê ser o ‘escolhido’ para trabalhar na criação da verdadeira Igreja e na Nova Canaã, embasando-se fielmente nos dizeres existentes nas Escrituras, com este povo não tendo outra opção a não ser trabalhar para concretizarem o que lhes foi designado, pois apenas o trabalho dignificaria e forneceria os sinais de terem recebido o toque divino, assim como também não podem renunciar os desejos de Deus. Somado a estes fatores agora num novo ponto que é a expansão territorial justificada também pelo Destino Manifesto, permitindo que façam o que julgarem necessário para que construam o verdadeiro império de Deus no reino dos homens. Tem-se então diante dessa composição a ação dos Estados Unidos no século XIX.

4 OS DISCURSOS DOS PRESIDENTES ESTADUNIDENSES DE 1905 ATÉ 1945

Os Estados Unidos têm uma forma única de visão e de como agir como Estado e como nação. Isto já é de conhecimento comum. Entretanto, muitas vezes não se compreende a razão ou de onde provêm essas características. Pode até se dizer que esses pontos não são apenas características, podendo ser considerados como parte de algo maior, interior e único deste país, considerando como componentes de um ‘espírito’ norte-americano.

Esse termo fala por si só, como algo que perdura por longos períodos, quiçá, jamais deixando o corpo de seu ‘hospedeiro’. O objetivo deste trabalho não é o de determinar se este espírito um dia poderá ou deixará de existir nesta nação, deixando isto até como um possível questionamento para futuras pesquisas, porém, este trabalho se propõe a apresentar este ‘espírito’ no Estado que até hoje se configura como um dos maiores atores do planeta. Para que seja possível cumprir este objetivo, serão utilizados os discursos de posse dos presidentes dos Estados Unidos, desde 1905 até 1945, utilizando também exemplos de ações do país no cenário internacional.

Como já visto o termo ‘espírito’ já havia sido utilizado no passado por Weber em sua famosa obra. Este o utilizou também para descrever características peculiares e muito presentes em um grupo religioso muito específico, e por isso o termo será empregado aqui, não sendo em vão esta utilização.

Primeiro, faz-se necessário esclarecer que no território onde hoje se localiza os Estados Unidos havia povos indígenas, que inclusive sofreram muito e foram quase completamente exterminados com a chegada dos povos europeus. Além disso, importante salientar que os ingleses não foram os únicos a colonizar estas terras. Pequenos vilarejos também foram criados nesta região por franceses, holandeses, espanhóis, portugueses, italianos e africanos. Do mesmo modo, os ingleses não se dirigiram somente a este local no mundo, foram para outros lugares como o sul da África (RESENDE, 2009, pag. 177). Obviamente, todos estes povos tiveram parte e influenciaram o desenvolvimento dos Estados Unidos, contribuíram culturalmente e da mesma forma agregaram características à nova nação. Faz-se conveniente apresentar tais fatos para que não pareça de maneira errada que apenas uma população específica moveu-se para estas novas terras. Todavia, é interessante reforçar que o foco deste trabalho recorrerá sobre uma parcela muito específica da população que se deslocou para esta parte do Novo Mundo, os calvinistas puritanos.

O período durante e após a Guerra Civil Norte-americana (1861 – 1865) foi marcado pelo forte desenvolvimento do setor industrial no país, tornando a produção industrial muito

mais eficiente e rápida com as novas técnicas de produção aplicadas. Entretanto, não cabe a este trabalho apresentar maiores detalhes a respeito da Guerra Civil, mas sim do período posterior ao acontecido. Apesar de o país ter sofrido com as destruições da Guerra, a reconstrução do mesmo trouxe oportunidade e prosperidade.

A maior escala e agilidade na produção, unidas a construções importantes como o desenvolvimento da malha ferroviária desencadeou em bons frutos aos Estados Unidos. Cidades cresceram e se tornaram os principais centros econômicos do país, e indústrias e finanças tornaram-se as principais fontes de renda do país, ultrapassando a agricultura e a pecuária.

Ao final da Guerra Civil Norte-americana, cerca de um quarto da população dos Estados Unidos vivia em áreas urbanas. Porém, com a elevação da migração rural devido à industrialização da vida norte-americana, no início do século XX, metade da população vivia em áreas urbanas. Esse desenvolvimento acelerado da vida urbana foi mais perceptível na região Norte do país, uma vez que ao final da Guerra Civil os estados do Sul ficaram mais devastados e também foram derrotados, tendo que aceitar os termos da derrota.

Isso não significa que os estados sulistas não foram impactados com a reconstrução e industrialização do momento seguinte a Guerra Civil dos Estados Unidos, apenas demoraram mais a iniciarem este processo, que foi mais presente nesta parte do país após as primeiras décadas do século XX, sendo que nas regiões Centro-Oeste e Norte a reconstrução e atualização dos modos de produção aconteciam desde o final do século anterior, gerando assim uma disparidade social perceptível por longo período.

Um país em crescimento, desenvolvendo-se industrialmente, gerando riquezas, produzindo em maior escala, mostrando um poder de rápida expansão, e agora apresentando um ponto muito importante para sua história, uma maior unificação dos indivíduos ali existentes. Além disso, outro fator importante estava sendo demonstrado no período, um desmoronamento gradual do sistema internacional tendo o Velho Mundo como o centro (KISSINGER, 2015, p. 21). Tendo aliado a estes pontos um ‘espírito’ de dever maior manifestado desde o seu início, os Estados Unidos da América reconhecem que é o momento não apenas de deixar de lado seu posicionamento isolacionista, mas também de iniciar a criação de seu próprio império.

Antes mesmo de completamente finalizada a fase de expansão continental, uma vez que alguns estados estadunidenses foram anexados no início do século XX; os Estados Unidos da América deram início a um ciclo de expansão marítima e iniciaram ocupações de locais estratégicos nos oceanos Pacífico e Atlântico, principalmente na América Central.

Algumas estratégias utilizadas neste período foram inspiradas na teoria do almirante Alfred Thayer Mahan, presidente do Naval War College (1886-1889) e autor de “The Influence of Sea Power upon History (1660-1783)” de 1890, de onde se pode retirar como resultado de que haveria uma tríplice de fatores essenciais para os Estados Unidos ascenderem à posição de potência mundial: uma grande nação deveria ter um grande poder naval; a construção de um canal de ligação até a América do Sul e; o estabelecimento de uma forte produção e comércio. Mahan elaborou suas ideias baseado no princípio de que o poder marítimo foi um pilar importante na supremacia das nações na história contemporânea. Ele elaborou suas estratégias com o propósito de colaborar na transição dos EUA para uma potência mundial, utilizando principalmente a influência do mar para isso.

A publicação de Mahan influenciou e serviu como estímulo para que defensores da ideia de uma grande marinha, como o presidente Theodore Roosevelt (1901-1909), iniciassem um processo de fortificação da marinha dos Estados Unidos e da expansão ultramarina, projetando e agindo para o país atingir o grau de potência mundial e marítima. E quando falo em poder marítimo, não foco apenas no poder militar, este mais ligado ao conceito de ‘poder naval’, mas me refiro ao conceito mais amplo, focando não apenas na capacidade militar, mas também destacando as habilidades política e econômica de uma potência em utilizar o mar.

Antes voltado em sua maioria para o cenário interno, neste momento o país decide mudar sua visão, procurando observar o cenário internacional com maior atenção. Não apenas observar, assim como também modificar sua posição no cenário externo, iniciando essa mudança principalmente de acordo com os pensamentos de Alfred Mahan, almejando tornar-se uma potência mundial. Seguindo as ideias do almirante, o poder da Marinha norte-americana foi intensificado, iniciando a partir de Roosevelt este processo, até tornar-se uma das Marinhas mais poderosas do mundo, quiçá a mais poderosa.

No mesmo período os EUA conseguiram a permissão do controle da Zona do canal do Panamá, canal criado para ligar o Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico, de extrema importância estratégica militar e comercialmente. E completando o último ponto idealizado por Mahan, pode-se ampliar a produção nos Estados Unidos aplicando-se os novos métodos criados com o desenvolvimento da indústria nacional, com isso também iniciando um aumento na atuação do comércio internacional, o que ao decorrer do século XX se tornaria uma grande fonte de renda para o país, principalmente por conta da reconstrução que a Europa viria a passar.

No caso da Zona do canal do Panamá, além de haver mais uma marca do início de seu projeto de expansão além dos mares, também mostrou mais um sinal de como os Estados

Unidos começariam a atuar. Não é mencionado isso apenas pelo fato de ser o projeto mais custoso assumido pelo país até o momento, já que ao total foram gastos em torno 375 milhões de dólares, tanto para construção quanto para os pagamentos ao Panamá e à Companhia Francesa, antiga detentora do controle da Zona do canal, demonstrando o quão disposto financeiramente o país estava para continuar sua jornada. É mencionado isso pela maneira como é iniciado o processo para chegar a esta fase, pois os Estados Unidos participaram incentivando e apoiando os rebeldes panamenhos durante a independência do Panamá, que era antes uma região da Colômbia, tendo como resultado que após a emancipação do Panamá, os EUA receberam o controle da Zona do Canal do Panamá, devido ao Tratado Hay-Bunau-Varilla, em 18 de novembro de 1903, como forma de pagamento pela ajuda prestada aos panamenhos durante o seu processo de independência.

Ainda que tenha sido iniciada uma expansão para além de suas fronteiras tendo como uma das razões o seu sentimento de ‘predestinação’, o posicionamento dos Estados Unidos da América por certo período foi bem determinado a ser contrário a utilização da força para impor sua vontade. Mesmo assim, o período das últimas décadas do século XIX e início do século XX foram marcados pela supremacia e dominação das potências da Europa e EUA e pela expansão imperialista. Fase esta tão marcada pelas ações dos Estados Unidos que o colombiano José Maria Vargas até descreveu em um artigo que os estadunidenses haviam invadido países como o México, aprisionado Cuba, despedaçado a Colômbia e roubado o Panamá.

Ainda que o ‘espírito’ norte-americano também fosse demonstrado em Roosevelt, o mesmo detinha pensamentos e um posicionamento diferentes de muitos outros presidentes, inclusive do presidente que o sucederia, dado que as ideias do Chefe de Estado na época mais caminhavam para um raciocínio nacionalista sem levar tanto em consideração o fator ‘divino’ da nação, o que de toda forma não impediu o progresso do projeto estadunidense, uma vez que insistia que o país deveria ter um papel internacional porque o interesse nacional o fazia necessário, e também pelo motivo de, na sua visão, ser inconcebível um equilíbrio de poder global sem a participação dos Estados Unidos (KISSINGER, pg 24, 2015). Pontos estes que podem ser observados claramente no discurso de inauguração do mandato do presidente Theodore Roosevelt em 1905 que descreve da seguinte maneira:

“Muito nos foi dado, e muito será esperado de nossa parte. Temos deveres para com os outros e deveres para com nós mesmos; e também não podemos fugir. Nós nos tornamos uma grande nação, forçada pelo fato de sua grandeza a se relacionar com as outras nações da terra, e devemos nos comportar como um povo com tais responsabilidades. Para todas as outras

nações, grandes e pequenas, nossa atitude deve ser de amizade cordial e sincera.” (ROOSEVELT, Theodore, 1905, tradução nossa)

Considerado por Kissinger como um presidente mais cético do que muitos outros, pois explicava a necessidade da ida dos Estados Unidos ao cenário internacional por meios mais racionais, até mesmo Roosevelt demonstrava tendências que poderiam ser claramente diagnosticadas como provenientes do calvinismo puritano. Contudo, oposto aos governantes anteriores, ele defendia que muito além da vontade de permanecer imparcial, os Estados Unidos eram uma potência e com isso, tinham a obrigação de impor suas vontades no cenário internacional, e até mesmo utilizando a força, mesmo que isso fosse necessário (KISSINGER, 2015, p. 29).

Também é importante frisar dois pontos muito interessantes na fala de Kissinger sobre o assunto. Primeiro a utilização da palavra “obrigação” mostrando um sentimento de dever do país para o seu destino, característica muito presente na crença puritana. E o segundo ponto é o início da mudança de atitude dos Estados Unidos perante o mundo, agora se posicionando até utilizando sua força caso necessário, para atingir seus interesses próprios. Para que suas ideias fossem cumpridas, não importando qual fosse a necessidade, Roosevelt proclama ao mundo que apenas seu país tinha o direito de interferir no hemisfério ocidental. Nesse sentido, mesmo que diversos países fossem contra a ação, neste momento se inicia efetivamente o papel dos Estados Unidos como polícia internacional, intervindo nos países quando achasse necessário (KISSINGER, 2015, p. 29-30).

Em 1909, apoiado por seu sucessor, que não desejava quebrar o costume de dois mandatos de cada presidente, William Howard Taft é eleito e busca seguir os passos de Roosevelt. Em seu discurso de inauguração cita claramente que continuará o trabalho de criar forças armadas adequadas aos Estados Unidos, pois apesar de serem defensores ferrenhos da paz mundial, também estariam prontos para defenderem seus interesses a qualquer momento, principalmente agindo contra o posicionamento das monarquias europeias em seu hemisfério. Contudo, mesmo tentando seguir o caminho do anterior, Taft não é bem aceito pela população, não sendo reeleito na próxima eleição.

Neste momento, por falta de apoio social, Taft passa a posição a seu sucessor, Woodrow Wilson, que inicia seu período como presidente em 1913. Wilson assume com uma visão que pode ser considerada em certa parte oposta a Roosevelt, porém mantendo resultados parecidos com os adquiridos com Theodore Roosevelt. Segundo Kissinger (2015), na visão de Wilson os Estados Unidos detinham um papel mais messiânico, tendo o dever de propagarem os seus princípios pelo mundo. Mesmo que com uma ideia mais parecida com as apresentadas

pelos fundadores da nação, diferente do pensamento mais moderno de Roosevelt, segundo Kissinger, os Estados Unidos continuaram a apresentar um papel principal no âmbito mundial, apresentando muitas vezes ideias inovadoras ao Velho Continente. Apesar de sabermos que para a visão dos Estados Unidos a Europa sempre foi tratada como ultrapassada e impura, ainda no início do século XX são apresentados não apenas conflitos com o continente, mas também o mesmo discurso de maior elevação intelectual que as nações do Velho Continente.

Fica bem exemplificado o ainda presente olhar puritano em sua mente no discurso de sua primeira posse, onde fala que:

Finalmente, uma visão nos foi garantida em nossa vida como um todo. Vemos o mal com o bem, o degradado e decadente com o bom e o vital. Com essa visão, abordamos novos assuntos. Nosso dever é purificar, reconsiderar, restaurar, corrigir o mal sem prejudicar o bem, purificar e humanizar todo processo de nossa vida comum sem enfraquecê-lo ou sentimentalizá-lo (WILSON, Woodrow. 1913, Estados Unidos da América, tradução nossa)

Percebe-se claramente o mesmo modo de pensamento puritano abordado pelos calvinistas puritanos quando chegaram as tão remotas terras da América do Norte; e do mesmo modo, percebido durante a expansão territorial e o Destino Manifesto, enquanto o país avançava com o aumento de seus territórios, afirmando que seu propósito maior justificava suas ações.

Uma vez que o governo de Woodrow Wilson com sua abordagem inovadora apanhou o gosto popular, o então presidente foi reeleito para seu segundo mandato. Porém, este que seria muito mais delicado que o primeiro, visto que tempos mais conturbados estavam acontecendo. Na inauguração do seu segundo período consecutivo a frente do país ele já utilizaria a maior parte de seu discurso para falar sobre o posicionamento que o país teria, entrando na Primeira Guerra Mundial. Wilson (1917) afirma que apesar do posicionamento de neutralidade do país até aquele momento - que já estava sendo alterado - o cenário internacional que se dispunha na época obrigava que os Estados Unidos se posicionassem, visto o grande papel que eles detinham frente ao resto do mundo. Nesse sentido, Woodrow Wilson informa que permanecer indiferente àquele contexto estava fora de questão. Ainda no sentido de predestinação, ele encerra o discurso informando que “Espera fazer o que for de desejo de Deus”.

Apesar de tal declaração, os Estados Unidos apenas entraram de fato na Primeira Guerra Mundial devido à pressão internacional, pois estavam utilizando o posicionamento neutro totalmente a seu favor, apenas para o benefício próprio, do mesmo modo como já haviam feito outras vezes, como apresenta Kissinger (2015) dizendo sobre a manipulação do

equilíbrio de poder quando era conveniente aos Estados Unidos, demonstrando um pensamento norte-americano de que apenas os interesses nacionais eram importantes, pensamento este que pode ser verificado desde Thomas Jefferson.

Passado o período da Primeira Grande Guerra, em 1921, Warren G. Harding se posiciona de maneira novamente parecida com os princípios antigos. Ele afirma para a nação que a criação dos Estados Unidos seria uma obra divina, e que diante disso, deveriam ser um exemplo inspirador para toda a humanidade. Harding (1921) também reforça o pensamento de que os interesses nacionais estadunidenses são mais importantes, pois visto que é uma predestinação divina, devem fazer o que acharam mais benéficos a eles, o que implicaria na quebra de alianças quando o país compreendesse que assim deveria de ser. Nesse sentido, Warren Harding informa claramente que seu país não pode sofrer das mesmas regras que os demais, pois utilizam as regras divinas, e ditas isto, ele encerra seu discurso da seguinte maneira “Isto não é egoísmo, é santidade” (HARDING, 1921, Estados Unidos da América).

Seu sucessor, Calvin Coolidge, que assume em 1925, anos antes da Grande Crise de 29 apenas reforça o sentimento de ‘escolhido’ existente no povo norte-americano, afirmando que colaboraram para a Primeira Guerra Mundial apenas por ansiarem pelo bem do planeta.

Já Herbert Hoover inicia seu mandato exatamente no ano em que acontece o maior colapso do sistema capitalista moderno já conhecido até então, em 1929. O primeiro ponto importante de menção é que em sua imagem presidencial oficial, junto de seu discurso inaugural, ele se apresenta com um globo terrestre ao seu lado, o que pode gerar certo entendimento sobre o desejo do presidente para o país na época. Além disso, em seu discurso Hoover (1929) afirma que o próprio progresso norte-americano está diretamente interligado ao sucesso e prosperidade de toda humanidade. Ademais, ele cita que é de interesse dos Estados Unidos a construção de um novo sistema econômico e político. Dessa forma, mais uma vez existe uma afirmação como a ‘cidade na colina’.

O próximo presidente que viria a suceder Hoover foi também o primeiro a quebrar o costume que os presidentes tinham de se manter no mandato apenas por dois anos consecutivos. Franklin D. Roosevelt iniciou seu mandato em 1933, logo após a Grande Crise e teve de trabalhar para que pudesse recuperar o âmbito interno do país, visto que estava extremamente devastado pela Crise.

Durante os anos em que esteve no poder, Roosevelt focou nos problemas internos para que pudesse erguer novamente a nação norte-americana. Franklin Roosevelt foi capaz de fazer os Estados Unidos um grande país novamente, demonstrando através de suas falas de seus discursos o que já havia sido apresentado por seus antecessores, que os estadunidenses eram

um povo abençoado e ‘eleito’ por Deus, e que de acordo com este pensamento, deveriam iluminar o caminho de toda a humanidade. Lembrando os puritanos fundadores dos Estados Unidos, Roosevelt afirmava que quaisquer pessoas que não concordassem com o pensamento norte-americano, estariam automaticamente errados, e que deveriam ser expulsos de suas terras, pois do mesmo modo, os puritanos eram conhecidos por serem extremistas e detentores do monopólio da verdade. Nesse sentido, uma vez que os puritanos se viam como ‘escolhidos’ por Deus e designados por ele próprio a tarefas específicas, não existia outra verdade, já que apenas o que existia nas Escrituras era a verdade.

Ademais, o período de operação de Roosevelt inicia em um cenário pós-traumático para os Estados Unidos, passa por um momento decadente e negro da história da humanidade, e se encerra com o início de uma nova ordem mundial. Desse modo, a posição norte-americana que pode ser observada com uma linha muito firme sendo seguida desde longo tempo, iniciaria neste momento da história a ser modificada. Com o acontecimento de duas Guerras Mundiais e um sujeito novo no cenário internacional se opondo na balança de poder fará com que os Estados Unidos alterem seu modo de posicionamento, antes baseado em sua maioria no *soft power*, com aplicações momentâneas da força para obtenção de seus interesses, e a partir deste momento será revertida para um maior posicionamento no âmbito internacional, aplicando ainda mais seus interesses neste ambiente.

5 CONCLUSÃO

Conforme exposto, percebe-se que a fundação dos Estados Unidos da América ocorre principalmente pela ida de um grupo religioso não quisto na sociedade que estava inserido – Inglaterra. Diante da angústia de encontrar um local onde pudessem praticar sua fé e crenças, somando a sensação de predestinação divina existente nos indivíduos do grupo, os calvinistas puritanos, partem em direção a novas terras do outro lado do Oceano. Foram denominados de puritanos na própria Inglaterra por desejarem a ‘purificação’ do anglicanismo, a religião oficial do período. Percebendo que não conseguiriam realizar este desejo, resolvem por fim partir para o Novo Mundo com o anseio de criar a verdadeira religião de Deus. Inspirados pelo mito da busca dos hebreus pela Terra Prometida partem em sua jornada para criar a Nova Canaã.

Assim como informado por Weber (2004), os princípios e valores dos calvinistas puritanos beneficiavam o desenvolvimento do capitalismo por onde passavam. Isso se dava por conta de o trabalho árduo dos indivíduos ser visto com bons olhos na visão do grupo. Em contrapartida, o ócio era completamente detestado.

No mesmo sentido de pensamento de que Deus escolheria o destino de cada indivíduo, os ‘escolhidos’ por Deus à salvação eterna haveriam de receber sinais ao decorrer de suas vidas, obrigando cada homem a se manter em vigilância todo o momento para que pudesse compreender tais sinais enviados por Deus. Um destes sinais seria o progresso econômico, por isso o puritanismo favorece o desenvolvimento capitalista.

O território onde posteriormente se tornaria os Estados Unidos tendo como seus fundadores principais este grupo está avidamente disposto a manter tais pensamentos, mesmo que com o decorrer de muitos anos.

Desse modo, podemos perceber que apesar das diversas mudanças de cenários ocorridas no ambiente que os Estados Unidos se coloca, os presidentes estadunidenses do século XX mantêm acesos princípios adquiridos na fundação da nação.

Foram apresentados os cenários do ambiente interno dos Estados Unidos e também do âmbito internacional, assim como algumas das ações e os discursos dos presidentes estadunidenses até 1945.

Através dessa demonstração pode ser verificada que nos discursos há uma linha que mantém a ligação entre eles, seguindo muitos dos princípios levados para as vidas dos indivíduos puritanos na fundação da sociedade norte-americana. Até 1945 os discursos dos presidentes estadunidenses expõem as virtudes puritanas aplicadas de maneira mais branda no

cenário internacional, ou seja, apesar de os presidentes estadunidenses apresentarem os interesses nacionais perante a sociedade mundial, o faziam de maneira mais pacífica, principalmente através do soft power.

REFERÊNCIAS

BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Cristianismo (versão brasileira)**. 1ª ed. São Paulo, Editora Fundamento. 2012.

BRITES, Cristina Maria. **Valores, ética, direitos humanos e lutas coletivas: um debate necessário**. In: **Direitos Humanos e Serviço Social: Polêmicas, debates e embates**. 3ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The World Factbook**. Estados Unidos da América. 2018. Disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/fields/401.html>. Acesso em: 5 nov. 2019.

COSTA, Waldney de Souza Rodrigues. **Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber**. Natal, Rio Grande do Norte. 2017.

COUTINHO, José Pereira. **Religião e outros conceitos**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, Vol. XXIV, 2012.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1901-1909: Theodore Roosevelt). **Discurso de posse**. Washington D.C., 4 mar. 1905. Disponível em: https://avalon.law.yale.edu/20th_century/troos.asp. Acesso em: 19 set. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1909-1913: William Howard Taft). **Discurso de posse**. Washington D.C., 4 mar. 1909. Disponível em: https://avalon.law.yale.edu/20th_century/taft.asp. Acesso em: 19 set. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1913-1921: Woodrow Wilson). **Discurso de posse**. Washington D.C., 4 mar. 1913. Disponível em: https://avalon.law.yale.edu/20th_century/wilson1.asp. Acesso em: 19 set. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1913-1921: Woodrow Wilson). **Discurso de posse**. Washington D.C., 5 mar. 1917. Disponível em: https://avalon.law.yale.edu/20th_century/wilson2.asp. Acesso em: 19 set. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1921-1925: Warren G. Harding). **Discurso de posse**. Washington D.C., 4 mar. 1921. Disponível em: https://avalon.law.yale.edu/20th_century/harding.asp. Acesso em: 27 set. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1925-1929: Calvin Coolidge). **Discurso de posse**. Washington D.C., 4 mar. 1925. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-50>. Acesso em: 27 set. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1929-1933: Herbert Hoover). **Discurso de posse**. Washington D.C., 4 mar. 1929. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-50>. Acesso em: 27 set. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1933-1949: Franklin D. Roosevelt). **Discurso de posse**. Washington D.C., 4 mar. 1933. Disponível em: https://avalon.law.yale.edu/20th_century/froos1.asp. Acesso em: 30 set. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1933-1949: Franklin D. Roosevelt). **Discurso de posse**. Washington D.C., 20 jan. 1933. Disponível em: https://avalon.law.yale.edu/20th_century/froos2.asp. Acesso em: 30 set. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1933-1949: Franklin D. Roosevelt). **Discurso de posse**. Washington D.C., 20 jan. 1941. Disponível em: https://avalon.law.yale.edu/20th_century/froos3.asp. Acesso em: 30 set. 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Presidente (1933-1949: Franklin D. Roosevelt). **Discurso de posse**. Washington D.C., 20 jan. 1945. Disponível em: https://avalon.law.yale.edu/20th_century/froos4.asp. Acesso em: 30 set. 2019.

FURTADO, Maria Rita. **Uma Discussão Acerca do Conceito de Crença**. UNIVERSIDADE DE LISBOA. 2011. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3849/1/ulfl096134_tm.pdf. Acesso em: 9 nov. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KESSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. 1. ed. Rio de Janeiro. Objetiva, 2015.

PANZINI, R. G. et al. **Qualidade de vida e espiritualidade**. Revista de Psiquiatria Clínica, v.34 supl.1, 2007.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos EUA: continuidade ou mudança?** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

RESENDE, Erica Simone Almeida. **Americanidade, Puritanismo e Política Externa: a (re)produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas discursivas da política externa norte-americana**. São Paulo. 2009

SOARES, Pedro Gustavo Cavalcanti. **O Diálogo entre a Religião e as Relações Internacionais nos Estados Unidos: A Influência Cristã no Cenário Político Norte-Americano no Pós 11 De Setembro**. Recife. 2010.

VIDAL, Elisa Silva. **Os valores religiosos e seus desdobramentos no cotidiano dos jovens.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2016.